

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES EM CONTRAPONTO AO DISCURSO PEDAGÓGICO RENOVADO DOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

Eliane Mimesse¹

RESUMO

Este estudo analisa como os professores de História fizeram uso dos conteúdos dos livros didáticos no ensino básico de escolas estaduais no final da década de 1990. Pretende-se identificar como eram apresentados os conteúdos nesses livros; verificar quais as práticas pedagógicas dos professores a partir do uso dos mesmos e analisar os vínculos entre a prática pedagógica e as sugestões para o desenvolvimento dos conteúdos. As fontes selecionadas para essa pesquisa são os relatórios de estágios produzidos para a disciplina de Prática de Ensino do curso de Licenciatura em História da Universidade Tuiuti do Paraná, documentos oficiais e os próprios livros didáticos. Far-se-á um contraponto entre as descrições identificadas nas fontes, as sugestões contidas nos documentos oficiais e em textos de Fonseca (2001), Tutiaux-Guillon (2007), entre outros. O período delimitado marca o início da produção e arquivamento dos relatórios de observação e de regência, predominando um modelo único. Esta pesquisa encontra-se em andamento, até o momento pode-se verificar a permanência das práticas pedagógicas em contraponto aos discursos metodológicos difundidos na época.

Palavras-chave: livros didáticos, ensino, história da educação

Esta pesquisa analisa como os professores de História fizeram uso dos conteúdos dos livros didáticos. Foram vários os livros citados pelos estagiários em seus relatórios, mas apenas três serão verificados com mais detalhes. Existem comentários de professores titulares e de alunos-estagiários sobre esses livros, que faziam parte da listagem indicada pelo Governo do Estado para o ensino de História.

A opção por esta instituição de ensino superior recai no fato de esse ser o único curso de Licenciatura em História, na cidade de Curitiba, a manter um Laboratório de Ensino e Pesquisa. Esse acervo conta com todos os relatórios de estágios produzidos pelos alunos, desde o início

¹ Professora do Mestrado em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: eliane.mimesse@utp.br

da produção em 1997, e ainda contém arquivados documentos oficiais e livros didáticos, para consulta de professores e alunos.

Os relatórios de estágio tornam-se fontes primárias de pesquisa para a educação por conterem informações pertinentes à escola, ao professor e as práticas pedagógicas por eles desenvolvidas. Esses apresentam as práticas que o professor titular e os alunos-estagiários utilizaram como as metodologias de ensino, as atividades propostas para os alunos, os conteúdos aplicados, além de explanarem sobre nuances do cotidiano escolar e as dificuldades no desenvolvimento do trabalho. Os relatórios e os próprios estágios que o geram são aqui considerados como:

[...] campo de conhecimento, significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental. [...] Campo de conhecimento que se produz na interação entre cursos de formação e o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas, o estágio (pode) se constituir em atividade de pesquisa. (PIMENTA & LIMA, 2004, p. 29)

Os relatórios analisados são elaborados de modo individual, e podem ser de observação ou de regência. Os relatórios de observação apresentam resultados do registro contínuo dos acontecimentos que ocorreram na sala de aula. Alguns contêm cópias de trechos do planejamento do professor, dos resumos dos conteúdos escritos na lousa durante a aula assistida, análises sobre o método de ensino do professor observado e sobre as atividades desenvolvidas pelos alunos.

Os relatórios de regência são compostos por uma ou mais aulas do estagiário, que, na maioria das vezes, complementavam os conteúdos desenvolvidos pelo professor da sala. Esses relatórios foram desenvolvidos sempre no semestre seguinte após a observação. As aulas de regência desenvolveram-se como aulas isoladas ou mini-cursos. As aulas isoladas ocorreram, normalmente, em caráter de substituição do professor; os mini-cursos foram aplicados pelos estagiários, com um número médio de sete aulas. Os projetos dos mini-cursos foram desenvolvidos pelos estagiários no primeiro semestre do ano letivo, quando da observação das aulas, e aplicados no segundo semestre. Esses mini-cursos abordaram, na maior parte das vezes, conteúdos que complementavam as aulas do professor titular. Os projetos apresentavam diferenças na forma de abordagem

dos conteúdos e na preocupação com o uso de diversos materiais didáticos. Foram elaborados por pequenos grupos de alunos-estagiários que deveriam montar, coordenar e apresentar um minicurso de três a dez aulas aos alunos das escolas onde estagiavam. Muitas vezes, essas aulas foram avaliadas pelos alunos que as assistiram e também pelo grupo que as apresentaram. Atividades com esse caráter são validadas pela reflexão que proporcionam aos estagiários.

[...] são atividades de micro ensino, miniaula, dinâmica de grupo que também ilustram a perspectiva em estudo. O entendimento de prática presente nessas atividades é o desenvolvimento de habilidades instrumentais necessárias ao desenvolvimento da ação docente. Um curso de formação estará dando conta do aspecto prático da profissão à medida que possibilite o treinamento em situações experimentais de determinadas habilidades consideradas, *a priori*, como necessárias ao bom desempenho docente. (PIMENTA & LIMA, 2004, p. 38)

Nos anos finais da década de 1990, podem-se encontrar nas descrições elaboradas pelos alunos-estagiários, nomes de livros didáticos citados pelos professores como de uso cotidiano, comentários pontuais sobre determinados livros didáticos e descrições dos modos de utilização dos mesmos.

No relatório de estágio 4, do ano de 1998 o aluno-estagiário lista alguns dos nomes dos livros indicados e distribuídos pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Esses foram efetivamente utilizados pelos professores em sala de aula, entre eles temos dois manuais para o ensino de 5ª à 8ª séries e um para as três séries finais da educação básica. São eles: *História e vida*, de Nelson Piletti e Claudino Piletti; *História passado e presente: antiga e medieval*, de Sonia Irene do Carmo; e *História e consciência do mundo*, de Gilberto Cotrim.

Esse referido estagiário, continuando sua narrativa, indica que apenas um número reduzido dos professores de História “não usam nenhum Livro Didático”. O estagiário efetuou uma pesquisa com professores de História de escolas estaduais da cidade de Curitiba, sobre o uso dos livros didáticos. Pesquisa essa vinculada a disciplina

de Prática de Ensino, esse é o motivo pelo qual ele obteve informações sobre usos cotidianos de alguns dos livros didáticos.

A iniciativa da professora da disciplina de Prática de Ensino era a de elaborar atividades para os estagiários, no período em que deveriam cumprir os estágios de observação, afim de esses efetuarem um levantamento sobre como ocorria a utilização de livros didáticos nas salas de aulas das escolas públicas estaduais, as quais os estágios eram realizados.

Os estágios de observação e de regência eram sempre efetuados nas escolas estaduais, salvo algumas raras exceções. A escolha por escolas estaduais para a realização das atividades de estágios recai sobre os estabelecimentos em que os professores orientadores de estágios efetivaram contatos com a direção, a coordenação e os próprios professores das disciplinas a serem estagiadas. Justifica-se essa opção para a prática da disciplina pelo fato de essas escolas possuírem um grande número de alunos matriculados e freqüentes por sala. Neste sentido, enfatiza-se a veracidade da produção dos alunos-estagiários quando da redação de seus relatórios. O contato do professor da disciplina Prática de Ensino com os professores titulares das escolas estaduais possibilitou a elaboração de redações concretas e verossímeis ao cotidiano escolar.

O resultado da pesquisa efetuada pelos estagiários no primeiro semestre do ano de 1998, demonstrou que dentre os livros didáticos relacionados e utilizados pelos professores, apenas os livros de Nelson Piletti e Claudino Piletti, e o de Gilberto Cotrim, foram citados por vários professores, em diferentes séries, do ensino fundamental e do médio, como de uso constante. Deve-se especificar qual o público a que se destinavam esses referidos volumes. O livro, ou melhor, os livros de Nelson Piletti e Claudino Piletti foram indicados para as quatro séries do ensino fundamental, de 5ª a 8ª série, um para cada série; já o livro de Cotrim trazia na capa, um pequeno retângulo rosa, como um lembrete, indicando - 2º grau. Neste ponto é relevante lembrar que o livro foi editado antes da mudança legal na denominação das séries do ensino. A partir de 1996, com a promulgação da nova, e ainda em vigor, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, alterou-se a denominação das oito primeiras séries de 1º grau para ensino fundamental e as três últimas séries de 2º grau para ensino médio, compondo, então a educação básica.

Além dos professores, os estagiários fizeram uso destes mesmos livros quando necessitaram de informações sobre os conteúdos para o desenvolvimento de suas aulas de regências ou para a elaboração de mini-cursos. Esses mini-cursos complementavam as aulas dos professores e também eram considerados como aulas de regências. Mas, o que é mais intrigante é o uso dos mesmos manuais, pelo professor no dia-a-dia e pelos estagiários, qual era a finalidade da ação do estagiário, a de complementação dos conteúdos?. A hipótese imediatamente vinculada a essa situação é a de que o professor da sala não conseguia cumprir todo o programa proposto para o ano letivo, esse por sua vez, vinculado diretamente aos conteúdos do livro didático. Assim, quando o estagiário necessitava ministrar suas aulas de regência elaborava um mini-curso, com antecedentes, desenvolvimento e conseqüências dos acontecimentos explorando um novo conteúdo não abordado pelo professor titular. Essa pode ser uma das justificativas do uso do mesmo livro didático e a inexistência, salvo algumas exceções, de referências a outros volumes para a consulta dos estagiários.

O livro de Nelson Piletti e Claudino Piletti foi referendado por Fonseca (2001), quando esta autora atribui requisitos a determinados livros didáticos quando a seus conteúdos e ilustrações, a autora considera-o “apropriado para o público ao qual se destina”.

O livro de Piletti, para a 5ª série do ensino fundamental, é elaborado em linguagem simples sem ser banal, bastante apropriado para o público ao qual se destina. Ele é um exemplo do desenvolvimento recente da produção de livros didáticos no Brasil, sobretudo pela boa qualidade material. Qualidade que se evidencia, principalmente, nas ilustrações, resultado de uma criteriosa pesquisa iconográfica e de um cuidadoso tratamento gráfico. [...] O livro obedece à cronologia tradicional da História do Brasil, do descobrimento à independência, e procura problematizar o máximo possível de situações, buscando a relação passado/presente como forma de instigar a reflexão do aluno. (FONSECA, 2001, p.111)

Opinião esta evidenciada pelo estagiário, no ano de 1998, que teceu elogios aos autores Nelson Piletti e Claudino Piletti.

Concordando, portanto, com as opiniões esboçadas por Fonseca (2001). Pode-se depreender sobre o livro didático, que:

[...] os autores desenvolvem os conteúdos de forma clara, agradável e crítica. Sem deixar, no entanto, de observar a falta deles; em manter a ordem cronológica para melhor conduzir o desenvolvimento dos assuntos tratados. Fora essa observação, o livro dos irmãos Piletti, são completos no que se refere as atividades, mapas e textos. Trazendo também, uma linguagem acessível a criança (sic).[...](RELATÓRIO 3, 1998, 2ª caixa)

Mas, existem outras análises sobre esse mesmo livro didático. Retomando a discussão de Fonseca (2001), pode-se verificar a existência de equívocos no modo como os autores expressam os conteúdos, quando se referem, por exemplo, a colonização portuguesa. Os conteúdos foram elaborados de modo que o leitor obtivesse a interpretação delineada pelos autores.

Uma vez no Brasil, os portugueses iniciaram o processo de colonização, integrado, segundo o autor, ao sistema de comércio internacional do início dos tempos modernos, visando exclusivamente à obtenção de lucros para a metrópole. É através dessa perspectiva econômica que o autor de *História & Vida* vai construindo uma imagem negativa dos portugueses e de sua obra colonizadora, até o agravamento dos conflitos com os brasileiros. Em muitos momentos, o texto didático trata do passado a partir de problemas do presente. É o caso didático da crítica feita pelo autor à destruição das matas do litoral devido á exploração do pau-brasil, explicada pela "falta de respeito dos portugueses e franceses em relação às matas do Brasil", como se já fosse possível exigir dos europeus do século XVI uma consciência ecológica aos moldes dos nossos dias. (FONSECA, 2001, p.112)

Os argumentos seguem no sentido de apresentar ao leitor a forma como os autores interpretam a história do Brasil. Criando correlações com o presente nem sempre passíveis e concretas.

Talvez, ao leitor mais desatento não causasse assombro, ou mesmo não fosse notada essa avaliação efetuada pela pesquisadora. Pode-se levantar-se a hipótese de que o aluno-estagiário, quando cita o livro como apropriado à determinada faixa etária, não tenha ainda extrema clareza quanto a interpretação dos acontecimentos históricos, concordando com a forma a qual é apresentada pelo livro didático. Na interpelação efetuada por Fonseca (2001) os autores pretendem “construir uma imagem negativa dos portugueses e da colonização”, e neste sentido causarem confusões históricas com acontecimentos deslocados cronologicamente.

Levam para o período colonial, situações que não caracterizam o universo político daquele tempo, na Europa e tampouco no Brasil. No fundo, percebe-se a intenção sutil de trabalhar com a idéia da gestação de um sentimento nacional e patriótico no período colonial. Vêem-se, dessa forma, autores do final do século XX persistir, furtivamente, no mesmo eixo dos textos didáticos do Estado Novo, que naquela época era tornado explícito. (FONSECA, 2001, p.112)

O ponto indicado pelo trecho acima demonstra a manutenção de uma ação comparativa, é uma metodologia de ensino ainda utilizada e considerada cotidiana. Apesar das discussões e sugestões concretas apresentadas pelo governo estadual, sobre a possibilidade de se ensinar os conteúdos da História a partir de temas, o que ocorre na prática é a adaptação de acontecimentos a tempos cronológicos diferentes, descontextualizando-os. Em pesquisa desenvolvida sobre o ensino de História na França, Tutiaux-Guillon (2007) identificou a permanência desta referida ação prática, como se a História fosse reduzida a meras comparações de fatos eternamente repetidos.

As pesquisas sobre aprendizagem da história mostraram uma forte tendência entre os adolescentes a recondicionar todo o saber escolar de acordo com suas representações sociais familiares e a pensar o passado nos mesmos termos que utilizam para o presente. Em aula, a comunicação entre professores e alunos mostra uma alta taxa de concepções comuns do mundo e de valores “corretos” compartilhados. (TUTIAUX-GUILLON, 2007, p. 284)

Outro estagiário no ano de 1997 teceu, em seu relatório de observação, comentários sobre o livro de Nelson Piletti e Claudino Piletti, comparando-o com o livro de autoria de Raymundo Campos sobre a história geral. Esse estagiário verificou que o professor da sala fazia uso dos dois livros para desenvolver suas aulas, os alunos utilizavam *História e Vida*, considerado mais adequado à faixa etária dos que estavam na 5ª série, e o professor aprofundava suas leituras sobre os conteúdos específicos no livro de Campos. No relato do estagiário temos a opinião do professor:

[...] esse autor (Raymundo Campos) chamou-me a atenção pela forma ampla como aborda a Idade Média, antes das grandes navegações. O que não acontece com (o livro didático) dos irmãos Piletti, sendo a Idade Média assunto de fundamental importância para o entendimento das grandes navegações e conseqüentemente da invasão do Brasil. (RELATÓRIO 7, 1997)

O livro citado pelo professor é o de Raymundo Campos, *História Geral: idades moderna e contemporânea* da editora Ática. É, na verdade, um livro que trata da história geral e não do Brasil como o livro utilizado, traz indicado no seu prefácio que se aplica ao uso de alunos que estejam nas últimas séries do ensino básico. Deste modo, subentende-se que o professor preparava suas aulas para as 5ª séries com um livro destinado aos três anos do ensino médio. Estudando os conteúdos no livro didático de Campos. Os conteúdos deste livro são apresentados por itens, compostos por subitens, que por sua vez, subdividem-se em vários outros itens descritivos de cada acontecimento. São transcritos a seguir somente os itens e subitens, que tratam o período histórico do início dos tempos modernos ao item sobre a contextualização da história do Brasil. A partir da leitura dos itens identifica-se o detalhamento do texto que se desenvolve em vinte e seis páginas, com alguns mapas e pouquíssimas ilustrações.

I – Introdução aos tempos modernos.

A idade média; A alta idade média; A baixa idade média.

II – A política mercantilista.

Introdução; Características do mercantilismo.

As práticas pedagógicas ... - *Eliane Mimesse*

III – As grandes navegações.

Introdução; Os fatores que levaram à expansão européia dos séculos XV e XVI; A expansão marítima portuguesa; A expansão quatrocentista; As navegações espanholas; A participação de Inglaterra, França e Holanda na expansão européia.

IV – A colonização da América.

Introdução; Da conquista à ocupação; A colonização da América do Norte; O Brasil nos séculos XVI e XVII. (CAMPOS, 1981, prefácio)

No volume de Nelson e Claudino Piletti encontra-se um capítulo denominado “A chegada dos portugueses”. Esse foi o conteúdo considerado pelo professor acima citado como reduzido de informações. Encontra-se em sete páginas as explicações sobre feudalismo, grandes navegações e chegada dos portugueses no Brasil. Os itens que compõem o capítulo esclarecem a ordenação dos acontecimentos.

O mundo que os europeus conheciam.

A burguesia: uma nova classe e muitas mudanças.

As grandes navegações; Portugueses e espanhóis enfrentam o oceano.

O mundo já não é o mesmo.

Portugal e o Brasil. (PILETTI & PILETTI, 1997, p.33-40)

Depreende-se do relato do estagiário que o professor da 5ª série pesquisava os conteúdos para sua aula de História no livro didático de Campos, fato este que nos leva à hipótese de que sua formação acadêmica não foi apropriada, ou melhor, não o preparou adequadamente, com o aprofundamento teórico necessário para ministrar esses conteúdos. Pode-se considerar que os conteúdos ministrados aos alunos das 5ª séries sejam os mais básicos possíveis, em decorrência de sua faixa etária e não requeriam a compreensão de conceitos mais aprofundados, apenas de reflexão sobre os acontecimentos históricos.

O outro livro relacionado pelos relatórios e adotado no ensino fundamental foi o de Sonia Irene do Carmo, denominado *História passado e presente*. A autora deste volume esclarece ao leitor, na apresentação do mesmo suas pretensões com relação ao texto, após

consulta a "inúmeros professores", efetuou algumas mudanças na estrutura do livro, mantém apenas:

[...] a linguagem adequada à faixa etária e a seqüência das unidades e dos capítulos [que] não apresentava problemas. [...] introduz-se um trabalho com outras fontes, seja um documento, seja um texto historiográfico. Contempla-se, dessa forma, uma tendência renovadora no ensino de História, a de tornar acessível ao aluno documentos e textos de outras fontes, ampliando-se as perspectivas de conhecimento. (CARMO, 1994, apresentação)

Após a apresentação e antes do sumário, existem três páginas explicativas sobre o livro como um todo em sua organização. Nestas páginas com ilustrações das páginas reais do volume, em tamanho reduzido, tem-se a explicação sobre os títulos e subtítulos, as ilustrações que compõe os capítulos, os quadros explicativos no início de cada capítulo e no final com textos complementares. Cada capítulo encerra com atividades que são explicadas como foram compostas, relacionadas aos conteúdos e aos documentos especificamente.

As seis páginas que seguem após o sumário abordam a temática: Aprenda a estudar, são compostas por itens: aproveitando a leitura ao máximo, faça a ficha de leitura, faça perguntas ao texto, você sabe resumir um texto?, você sabe interpretar mapas históricos?(as legendas, os mapas históricos, época), a história por meio dos documentos, um plano de estudo para as provas. São catorze páginas de preâmbulo para dar-se início a unidade I, sendo que essa unidade trata da História e o trabalho do historiador. É um livro extremamente claro para o professor, mesmo sem a devida experiência no uso de textos didáticos, como já foi aventado em outro momento.

O aluno-estagiário, em relatório de observação, elaborou elogios ao livro didático no que se refere aos conteúdos abordados, considerou-o "acessível aos alunos". A temática da Revolução Francesa foi o exemplo utilizado para esclarecer seus comentários. "Esta obra trata a questão da História da Revolução Francesa de forma bem acessível para que os alunos possam entender o processo, tem várias ilustrações sobre a época."(RELATÓRIO 3, 1998, 2ª caixa).

Existe neste ponto um equívoco do estagiário, ele utilizou os conteúdos sobre a Revolução Francesa para esclarecer sua opinião, mas o volume ao qual listou como de uso da sala referia-se a história antiga e medieval. Os conteúdos deste volume são indicados do período Paleolítico a crise do Feudalismo. Como a própria autora indica o volume em questão faz parte de uma coleção, composta por livros de História do Brasil colonial, imperial e republicano e História Geral divididos em antiga e medieval e em moderna e contemporânea. Esses livros eram indicados e distribuídos pela Secretaria de Educação e compunham as bibliotecas das escolas estaduais, a hipótese para essa situação é o fácil acesso aos volumes e o estagiário escolheu o tema que mais lhe agradava para comentar em seu relatório.

Na verdade, os livros da coleção são similares, apresentam trechos curtos de texto, entremeados por diversas ilustrações coloridas, pequenos mapas, lembretes em forma de nuvens com o título "Recordando", retângulos com explicações complementares ao texto e ainda conta com atividades no fim de cada capítulo, com trechos reduzidos de textos, algumas vezes esses trechos são de documentos históricos. Com todos esses atrativos, talvez tenha sido possível ter ocorrido o equívoco, mas pode-se considerar que como o volume é destinado às quatro séries do ensino fundamental apresente um maior número de ilustrações e não de conteúdo efetivos.

Esse livro didático como os outros citados anteriormente, contém a indicação da existência de um Manual do Professor. Neste caso o mesmo encontra-se nas páginas finais e a autora inicia justificando a estrutura da elaboração dos volumes da coleção. Enfatiza a necessária cronologia que contém os volumes.

[...] elaborados com base em determinados pressupostos de ordem pedagógica, constituindo, portanto, uma proposta de ensino de História. [...] Quanto ao conteúdo e à seqüência que apresenta, a obra se fundamenta no princípio de que a sucessão temporal é o nosso modo cultural de lidar com o tempo, é a lógica que confere significado temporal aos fatos. A cronologia representa um referencial sobre o qual se colocam alguns marcos significativos para que o aluno possa ir do presente para o passado e do passado para o presente. (CARMO, apresentação do Manual do Professor, 1995)

Cotrim é o outro autor citado no relatório de estágio de 1998, como de uso freqüente nas salas de aulas, assim como os livros de Nelson e Claudino Piletti e de Sonia Irene do Carmo. O livro didático de Gilberto Cotrim é denominado *História e consciência do mundo*, publicado pela editora Saraiva, é voltado para as séries do ensino médio. Esse volume foi o mais citado nos relatórios, mas outros livros deste mesmo autor também foram relacionados pelos alunos-estagiários, são eles: *História geral para uma geração consciente*, e *História e consciência do Brasil*, todos da editora Saraiva. Na apresentação o autor esclarece aos leitores como elaborou o volume e quais seus objetivos.

Este livro [...] traz uma visão clara e concisa dos principais tópicos da história mundial, desde a Antiguidade até a Idade Contemporânea. Foi criteriosamente elaborado para atender a um ensino crítico, dinâmico e atualizado. Assim, o livro apresenta um enfoque abrangente dos fatores econômicos, sociais e políticos e dedica atenção a novos temas de estudos históricos. (COTRIM, 1995, apresentação)

Quanto aos termos indicados por Cotrim na apresentação: ensino crítico, dinâmico e atualizado, deve-se analisá-los com mais vagar, porque esse era o discurso metodológico difundido para o ensino de História e de outras disciplinas. O ensino crítico refere-se ao discurso em voga desde o final da década de 1980. Mas, o que o autor pretende transmitir com o uso do termo dinâmico, não se explica muito facilmente. A análise efetuada dos conteúdos de seu livro didático e da forma como eles se apresentam não demonstram o motivo do uso do termo. Os conteúdos iniciam com uma reflexão sobre a história, para em seguida de modo cronológico, iniciar os capítulos na pré-história e desenvolvê-los até os acontecimentos históricos do início da década de 1990. Cada capítulo contém gravuras e mapas, trechos de documentos, e questões no fim de cada capítulo, além de no final de cada idade histórica, quais sejam, antiga, medieval, moderna e contemporânea, existirem páginas repletas de testes e questões dissertativas voltadas para o exame vestibular. Como esse autor pode considerar seu livro dinâmico, se ele apenas reproduz os exercícios existentes em vários outros manuais?.

O discurso e a ênfase no ensino crítico e dinâmico eram disseminados desde o final da década de 1980. Esse era o reflexo

das análises, sobre o rendimento e aprendizagem dos alunos, como relatou Prado (2004). O então discurso sobre o fracasso escolar indicava que os estudantes oriundos “das classes de baixa renda demonstravam desenvolvimento intelectual mais lento”. Estes alunos não compreendiam os conceitos básicos necessários à aprendizagem escolar, mas, quando estavam em outros ambientes, conseguiam colocar em prática as habilidades requeridas na escola, recorrendo a outras formas de abordagem.

Na apresentação do livro *História e Vida*, de Nelson Piletti e Claudino Piletti, (1997, p.3) tem-se o uso de termos como crítico e dinâmico. Quando os autores referem-se ao texto, esclarecem que esse “permite uma leitura agradável, atraente e crítica do passado e do presente ao mesmo tempo. [...] as atividades completam de maneira renovadora e dinâmica a leitura do conteúdo”.

Foram necessárias efetivarem-se alterações concretas nos métodos de ensino, nos conteúdos mínimos das disciplinas e nas formas em que a metodologia era expressa, visando tornar os conteúdos “distantes da realidade concreta dos alunos” o mais próximos possíveis. Por fim, Prado (2004) identifica a falta de compreensão dos professores, que, com pouca sensibilidade e grande falta de conhecimento a respeito dos padrões culturais de seus alunos de classes mais baixas, tratam-nos de modo diferenciado. As diferenças individuais na aprendizagem resultariam da inadequada interação entre as características dos alunos e o dia-a-dia escolar; as metodologias de ensino tradicionalmente ignoravam as características de desenvolvimento destes alunos.

A autora de *História passado e presente* enfatizou, na apresentação do manual do professor, a necessidade de se trabalhar com uma aprendizagem que se torne significativa para os alunos. É, na verdade, o mesmo discurso pedagógico sobre o fracasso escolar utilizando uma nova terminologia.

A idéia fundamental de ordem teórica que norteou essa proposta diz respeito à aprendizagem significativa da História, de forma a atender aos objetivos que nós, professores, procuramos atingir ao desenvolver nosso trabalho. Formar cidadãos atuantes, críticos e autônomos é a nossa grande meta enquanto educadores. Mas até que ponto conseguimos atingir esses objetivos? A nossa

As práticas pedagógicas ... - *Eliane Mimesse*

realidade, o nosso cotidiano, aponta sucesso nesse sentido?

Analisando a atuação e a produção de nossos alunos, podemos observar que elas se caracterizam muito mais pela reprodução do que pela interpretação, muito mais pela aceitação de um conhecimento que lhes é fornecido como algo fechado e imutável do que pela reflexão e pela crítica. (CARMO, apresentação Manual do Professor, 1998)

Desenvolveram-se, no final dos anos 1980, novos argumentos que possibilitaram a reflexão sobre o papel do professor, sua metodologia e suas formas de avaliar os alunos. O novo papel do professor deveria ser o do profissional competente, com sólida formação acadêmica, que teria como objetivo o ensinar bem, segundo as experiências cotidianas dos alunos, deveria mudar sua postura na sala de aula, diminuir seu autoritarismo e ampliar a amizade e o diálogo com os estudantes, rever as maneiras de avaliar e os critérios utilizados para tanto, ampliar os trabalhos em grupos e a participação dos alunos nas atividades, democratizar a sala de aula, usar a realidade dos alunos para desenvolver os conteúdos e estimular os processos cooperativos.

O discurso pedagógico sobre a participação concreta dos alunos, o uso do cotidiano para o ensino de História e a necessidade dos professores respeitarem as origens dos alunos e suas dificuldades, concordam com os textos introdutórios dos livros didáticos adotados neste período. Como também, com o documento da Secretaria de Educação do Paraná, que criticava a forma como a História permanecia sendo ensinada, com o uso indevido do livro didático e de exercícios repetidos, sem a necessária reflexão sobre os acontecimentos.

Estudar História parece ser uma atividade que exige muito pouco: decorar fatos, nome e datas, aprender explicações genéricas e já empacotadas para consumo. Para ser um bom aluno é preciso somente “boas memória” (capacidade de reter dados mentalmente); para ser bom professor, menos ainda é necessário: “vencer a matéria” é repassar dados e informações, muitas vezes através da simples leitura do livro didático e de questionários que se repetem ano após anos. (PARANÁ, 1990, p. 6)

Notou-se que o discurso sobre a necessidade de o professor ir além das informações contidas nos livros didáticos não é recente. Os documentos da Secretaria de Educação datados da década de 1990 enfatizam o papel esclarecido politicamente, a ser assumido pelo professor de História. As apresentações dos livros didáticos também recorreram a essa terminologia pedagógica, alterando-a, na medida em que, sofreu mudanças de caráter teórico. Percebeu-se que as práticas pedagógicas persistiram, nesses últimos anos da década de 1990. Por razões como a formação acadêmica do professor e a maneira atrativa e convincente nas quais os livros didáticos se apresentaram. A última hipótese para tal situação é a de que os professores, que utilizaram esses livros didáticos, poderiam crer que estavam acompanhando as novas metodologias de ensino, mas, apenas reproduziam as mesmas práticas.

ABSTRACT

This study analyzes as the teachers of History they made use of the contents of the didactic books in the basic teaching of state schools in the end of the decade of 1990. Intends to identify as the contents were presented in those books; to verify which the teachers' pedagogic practices starting from the use of the same ones and to analyze the entails between the pedagogic practice and the suggestions for the development of the contents. The sources selected for that research are the reports of apprenticeships produced for the discipline of Practice of Teaching of the course of Licenciatura in History of the Universidade Tuiuti do Paraná, official documents and the own didactic books. Will make him a counterpoint among the descriptions identified in the sources, the suggestions contained in the official documents and in texts of Fonseca (2001), Tutiaux-Guillon (2007), among others. The period defined mark the beginning of the production and file of the observation reports and of regency, prevail an only model. This research meets in process, until the moment the permanence of the pedagogic practices can be verified in counterpoint to the methodological speeches diffused at that time.

Keywords: didactic books, teaching, history of the education

RESUMEN

Este estudio analiza como los maestros de Historia hicieron al uso de los volúmenes de los libros didácticos en la enseñanza básica de escuelas estatales en el fin de la década de 1990. Se piensa identificar como los volúmenes se presentó en esos libros; para verificar qué las prácticas pedagógicas de los maestros que empiezan del uso del mismo y para analizar las vinculaciones entre la práctica pedagógica y las sugerencias para el desarrollo de los volúmenes. Las fuentes seleccionadas para esa investigación son los informes de aprendizajes producidos para la disciplina de Práctica de Enseñanza del curso de Licenciatura en Historia del Universidade Tuiuti do Paraná, documentos oficiales y los propios libros didácticos. Se hará un contrapunto entre las descripciones identificadas en las fuentes, las sugerencias contuvieron en los documentos oficiales y en textos de Fonseca (2001), Tutiaux-Guillon (2007), entre otros. El periodo definido marca el principio de la producción y archivamento de la observación y de regencia, prevaleciendo a un único modelo. Esta investigación se encuentra en proceso, hasta el momento la durabilidad de las prácticas pedagógicas puede verificarse en contrapunto a los discursos metodológicos difundidos en ese momento.

Palabras clave: libros didácticos, enseñanza, historia de la educación

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, Raymundo Carlos Bandeira. *História geral: idades moderna e contemporânea*. 4. ed. São Paulo: Atual, 1981.
- CARMO, Sonia Irene do. *História passado e presente: antiga e medieval*. São Paulo: Atual, 1994.
- COTRIM, Gilberto. *História e consciência do mundo – 2º grau*. São Paulo: Saraiva, 1995.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima e. Ver para compreender: arte, livro didático e a história da nação. In: SIMAN, Lana Mara de C. & FONSECA, Thais Nívia de L. e. (Org.) *Inaugurando a História e construindo a nação*:

As práticas pedagógicas ... - *Eliane Mimesse*

discursos e imagens no ensino de História. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 91-122.

PIMENTA, Selma G. & LIMA, Maria do S. L. *Estágio e docência*. Revisão técnica José Cerchi Fusari. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos)

PARANÁ. *Reestruturação do ensino de 2º grau no Paraná: conteúdos essenciais*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Ensino do 2º grau. Curitiba, 1990. (Série Ensino).

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. *História e vida*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1997.

PRADO, Eliane M. *As práticas dos professores de História nas escolas estaduais paulistas nas décadas de 1970 e 1980*. São Paulo, SP. Tese [Doutorado]. PUCSP, 2004.

RELATÓRIOS DE ESTÁGIOS de observação e de regência, 1997 a 1999. Laboratório de Ensino e Pesquisa em História da FCHLA da UTP

TUTIAUX-GUILLON, Nicole. O ensino da história e a alteridade na França: algumas perspectivas para reflexão e pesquisa. In: CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; GONZÁLEZ, Maria Fernanda. *Ensino da História e Memória Coletiva*. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 281-294.

Recebido em 15/11/2008

Aceito em 15/12/2008